

A história pode ser focalizada de inúmeros ângulos e cada um deles oferece um ponto de apoio para uma teoria explicativa. Por exemplo: a história dos gregos pode ser focalizada do ponto de vista persa. As suas três fases, a saber a arcaica, a clássica e a helenista, terão então a explicação seguinte: A Pérsia, núcleo e germe da cultura indo-germanica, emitiu, no segundo milénio antes de Cristo, várias irradiações em forma de tribos, tanto para o leste como para o oeste. Algumas entre essas irradiações ocidentais entraram em contacto com a cultura micénica e formaram o povo e a cultura arcaica grega. No século seis a Pérsia, tendo absorvido as culturas antigas semíticas e hamíticas, consolidou-se e procurou reabsorver os gregos. Falhou, porque os gregos tinham conseguido dar à cultura persa um cunho diferente que conseguiram afirmar vitoriosamente contra a cultura materna. Essa afirmação do filho contra a mãe é a época clássica grega. No fim do século quarto os gregos conquistaram aparentemente a Pérsia, mas na realidade é o império alexandrino, o dos seus sucessores, e o império Romano, apenas a continuação do império persa com o Ocidente reabsorvido. A época que se inicia pela conquista da Pérsia pelos gregos, (e que é com efeito uma anexação da Grécia e da Itália pelo império persa sob disfarce ténue grego,) e que se encerra pela vitória do Cristianismo, (e que é, por sua vez, uma religião persa sob ténue disfarce judeu), é chamada "helenismo". Não insisto muito sobre este ponto de vista persocentrista, mas creio que serve para enquadrar a época que formará o tema da presente conferência num contexto mais amplo. Só quero dizer que o ponto de vista persocentrista não é tão excêntrico como pode parecer aos nossos olhos. Creio que é o ponto de vista inconciente do mundo islâmico que se prepara atualmente a novamente desafiar o nosso. É bem mantermos em mente que não somos nós os únicos herdeiros dos gregos, e que os mahometanos têm pelo menos o mesmo direito de se considerarem sucessores não somente de Alexandre e de Dario, mas também de Solão e de Ciro.

Algumas considerações devem ser oferecidas quanto a diferença entre o projeto existencial grego e persa. Quando procurei elaborar o projeto grego, falei nas suas duas fontes, que chamei de orfismo e olimpismo. O paralelo entre o orfismo e o mundo da avesta e dos vedas é óbvio e não necessita ser salientado. É a luta entre os titães e os deuses que exprime entre os gregos o dualismo persa, e a dialéctica grega é uma forma de zoroastrismo. É a fé no ciclo das gerações que é a forma grega da fé indiana na roda da vida, (samsara). A necessidade órfica é karma, a ilusão órfica é maia, a salvação órfica (sôter) é satchitananda, e o próprio Orfeu como deus encarnado em homem e como salvador é a forma grega de Krishna. Enfim, estes exemplos podem ser multiplicados. Quanto ao olimpismo, este pode ser encarado como uma modificação grega dos mitos micénicos e cretenses, embora pouco saibamos quanto a estes. De toda forma sabemos que os heróis gregos são modificações de figuras que encontramos em Knossos. O projeto grego todo, que nos parece ser tão original, pode ser encarado como uma síntese do projeto indo-germanico com um projeto muito mais antigo. Assim se perde a origem, quando perseguida, sempre mais no poço de um passado sem fundo.

É óbvio que estas considerações não negam a originalidade do projeto grego. Os mitos gregos, mesmo se considerados pontos de convergência de mitos mais antigos, defecharam uma cultura e um mundo inteiramente novos. Como também não negam as raízes gregas e judias a originalidade do cristianismo. Mas surge um momento na história de uma cultura, no qual esta se torna consciente das suas fontes, e este

é o momento no qual a cultura começa a estagnar, porque reconhece os seus mitos como mitos. Este reconhecimento dos mitos como tais representa o fim da fé nos mitos, e tem por consequência a perda do senso da realidade, daquela realidade que os mitos desfecham. A nossa civilização está neste ponto. Ao reconhecermos por exemplo na figura do Cristo o mito de Orfeu, ou na causalidade científica o mito de ananke, a nossa fé periclita, e com ela periclita o nosso senso de realidade. É a época da cultura grega que é o tema desta exposição encontra-se também nesse ponto. Reconhece na figura de Orfeu o mito de Mitras, e na dialética filosófica o mito de Ormuzd e Ahriman, a sua fé, tanto religiosa como filosófica, periclita e perde-se o senso da realidade. O mundo dentro do qual o homem do helenismo se encontra é, neste sentido, semelhante ao nosso. Falta-lhe o fundamento da fé, e falta-lhe portanto a derradeira realidade. A vida nesse mundo passa a ser uma série de gestos sem ulterior significado. Não se trata mais de manipular esse mundo para modificá-lo, já que não se tem confiança na realidade do mundo. Trata-se de dar significado aos gestos da vida. A vida passa a ser uma procura do significado perdido, uma "recherche du temps perdu" para expressar mo-nos modernamente. As obras de arte helenística são a articulação desses gestos sem significado, dessa vontade de reconquistar a fé perdida, e dessa procura de uma nova fé a dar significado à vida. São a expressão da consciência de ser a vida humana uma representação de papéis impostos por mitos reconhecidos como máscaras vazias. Há um ar de pose, de teatralidade, e de desespero, que caracteriza todas essas obras. E há nelas também uma perfeição técnica, que é consequência da ironia fundamental do homem alienado.

Seria fácil exagerar o paralelismo entre helenismo e atualidade. Seria fácil e seria comodo, porque poderíamos consolar-nos pelo fato de ter o helenismo encontrado a sua fé na forma do cristianismo. Poderíamos crer que nós também encontraríamos o nosso cristianismo. Mas o paralelismo não é tão perfeito como fazem crer estes meus argumentos. Temos a técnica, e isto nos distingue de todas as épocas passadas. Estamos em vias de literalmente superar a natureza, e isto não tem paralelo. É verdade que Alexandria deve ter se parecido muito com São Paulo. Um aglomerado enorme de gente de todas as origens, dedicados a um aperfeiçoamento quase automático de tecnologias, e ao ócio criado pelas horas insignificantes da vida. Dizem que Alexandria tinha até água quente encanada, e tinha os seus aranha-céus, por exemplo o Faro. Mas havia ainda territórios não conquistados, mesmo geograficamente, embora não aparecessem nos mapas helenistas. Havia ainda aberturas pelas quais a irrupção do cristianismo podia dar-se. Não sabemos, e duvidamos, se estas aberturas ainda existem hoje em dia.

Os gregos do helenismo, (e grego era então quem queria se-lo), ignoravam essas aberturas, embora as procurassem. Diz uma lenda que Alexandre receiava que nada restaria para ele fazer, já que Felipe tinha feito tudo. Este era o clima no qual o homem existia. Encontrava-se em situação perfeita. Nada restava a fazer, tudo já tinha sido feito. Restava apenas retomar os temas já elucidados, restava apenas repisar as trilhas já pisadas. É verdade que essa repetição epigonal resultava em perfeição crescente. Mas não havia nessa atividade nenhuma aventura. A atividade humana estava marcada pela sensação da repetição, portanto da futilidade e do absurdo. Os temenoi que os gregos arcaicos tinham construído para neles se abrigarem, e que os gregos clássicos tinham transformado em monumentos da afir

mação da liberdade humana, tinham se expandido para encobrir o cosmos inteiro. Não havia por detrás desses templos, e deixaram portanto de serem sagrados. Era possível acrescentar a esses templos mais algumas estátuas, sempre mais imponentes e grandiosas, mas as estátuas nada representavam. Eram apenas expressões de poses vazias. Participavam de um rito que continuava por inércia, mas que não festejava nenhuma realidade. E esse rito era a vida humana.

Procurei recorrer ao testemunho de Heráclito, para caracterizar os gregos arcaicos, e para o de Platão para caracterizar a época clássica grega. Recorrerei hoje, com a mesma finalidade, à Stoa, esse precursor curioso do existencialismo. Esta filosofia e pseudo-religião forma, com o epicurismo e o neoplatonismo a expressão da mundivivência do helenismo culto. Às elas correspondiam, no povo inculto, as crenças mais fantásticas e exóticas que procuravam substituir a fé nos mitos perdidos. A Stoa se inicia com Zenão no início do terceiro século antes de Cristo e torna-se quase religião oficial com Marco Aurelio no segundo século depois de Cristo. Para este pensamento eclético não havia divindade, ou, o que é a mesma coisa, o mundo era deus. Nada havia atrás do mundo, o mundo nada significava. A força que rege o mundo, a necessidade, é idêntica com logos, e este aspecto do mundo pode ser chamado, se quisermos, de deus. Logos não é imaterial, mas uma espécie de hálito material, algo que atualmente chamaríamos de energia. Essa força quase material e lógica é razoável, e o homem participa dela como ser razoável. A liberdade humana reside na obediência a essa força razoável, e todo ato desobediente é irracional, portanto reprimível. Mas isto significa praticamente que todo ato é reprimível. É razoável deixar que a necessidade lógica corra automaticamente no seu curso. Mas é curioso como esse determinismo radical não resulta em fatalismo. A dignidade do homem reside na consciência da absurdidade do logos, e nessa consciência reside também a felicidade. Sei que a sorte é cega, não me perturba, embora me atinga. Embora me atinga, não me quebra. Aceito os golpes do destino como sereto e imperturbável, e escolho conscientemente a tarefa que o destino me reservou, agindo honestamente, embora saiba que essa minha atividade nada signifique. Enfim, nisto reside a dignidade e a felicidade: escolher o inevitável. Ou então, se o inevitável se torna insuportável, escolher imperturbavelmente a morte. Como podem observar os senhores, a Stoa é a derradeira realização do projeto lógico grego. Nela o logos se profanizou, e, ao passar a ser o supremo deus, passou também a deixar de ser deus.

Se tivesse escolhido o epicurismo ao envez do estoicismo para caracterizar o clima helênico, talvez teria sido mais evidente a sua semelhança com o existencialismo, mas tornaria mais difícil a compreensão da irrupção de cristianismo. Pois para nós, conhecedores do desfecho, o helenismo está, todo ele, prenhe de cristianismo e as fábricas de estátuas que funcionam nas suas duas capitais principais, Alexandria e Antioquia, marcam como que tempo em sua espera. Não escolhi exemplos dessas estátuas para analisá-las, já que todos nós conhecemos as suas características a fatura. O mundo da antiguidade foi literalmente inundado por esses produtos, e os nossos museus tornaram-se, em grande parte, depósitos seus. A perfeição técnica, o virtuosismo brilhante e a qualidade fotográfica do seu realismo impressionaram tanto o Renascimento como o Classicismo que eram curiosamente cegos para perceber a vacuidade por detrás dessas obras. É provável que seja necessário vivenciar essa vacuidade na própria carne, para poder percebê-la nessas obras. Sómente nós podemos compreender essas estátuas como equivalentes dos nossos instrumentos.

Devemos imaginar o mundo do helenismo tão marcado pelas estátuas, como o é o nosso pelas máquinas e pelos aparelhos. Essas cópias de estátuas clássicas, esses retratos de generais, administradores e esportistas elevados a deuses, essas reproduções de donas de casa em disfarce divino, essas peças de bravura que mostram contorções de músculos demonstrativas do conhecimento de anatomia, esses monumentos ao sentimentalismo que retratam criancinhas brincando e mães torcendo os braços em desespero, essas demonstrações de brutalidade que mostram guerreiros em luta corpórea, ou nas garças da morte, tudo isto é onipresente. Não somente as cidades grandes estão cheias desses produtos que invadem as praças, as casas, os mercados e os circos numa evasão em massa dos templos, mas ainda todas as cidadezinhas do interior, as oases fronteiriças, e os postos avançados do comércio e do exército participam dessa avalanche. O helenismo procura tapar com estátuas o vazio que o ameaça. A função da arte torna-se palpável nessa época, a saber a de não permitir que o homem encare a sua situação verdadeira. Qualquer que seja o lado para o qual o homem do helenismo se virava, encontrava uma estátua em sua frente. Existia em floresta de estátuas, e estátuas determinavam os seus movimentos. Isto significa que o homem não mais era determinado pela natureza, mas por objetos manipulados. As forças sagradas e misteriosas que tinham desfechado o seu mundo não eram mais vivenciáveis. O contacto com a estátua não mais provocava o tremor com o divino, porque por detrás da estátua não havia mais um deus, como na época arcaica, nem uma procura de deus, como na época clássica, mas havia apenas uma linha ininterrupta de outras estátuas copiadas ou a serem copiadas. O conjunto das estátuas representava o mundo profano, isto é tedioso e sensacionalista, dentro do qual o homem do helenismo passava a sua vida sem significado. E quanto mais esse mundo de estátuas se multiplicava numa explosão demográfica de deuses falsos, tanto mais insignificativa, tediosa e insuportável tornava-se a vida no seu meio. Creio que é óbvio o paralelo entre as estátuas helenísticas e as máquinas e aparelhos da atualidade.

O advento do cristianismo passou despercebido pelos artistas, que eram empregados das classes abastadas. O cristianismo era uma movimento de escravos e desprezado pelas camadas cultas. Embora possamos dizer que os cristãos primitivos morriam estoicamente, não podemos dizer que os administradores ptolomáicos e romanos morriam cristãmente. Assim a arte helenista se perpetua durante centenas de anos, em quanto o cristianismo já se alastra pelo império de maneira subterrânea e difusa. A arte cristã, quando surgirá, não será uma continuação do helenismo. Durante centenas de anos teremos duas artes: a oficial, que repete as poses vazias de um projeto esgotado, e uma arte primitiva que procurará dar expressão a um projeto novo. No entanto, há ligações entre essas duas artes, ligações de profundo significado para a compreensão da nossa própria arte, e os retratos de Faium e as estátuas de Almyra provam o que tenho em mente. Isto é, no entanto, um assunto que já ultrapassa o escopo do presente curso.

Lancemos um olhar abarcador sobre a arte grega, tal como a procurei esboçar diante os senhores. Nos meados do segundo milénio antes de Cristo desfecharam certos mitos um mundo, e lançaram nesse mundo um certo tipo de existência que chamamos de grega. Nos meados do primeiro milénio depois de Cristo essas existências tinham esgotado as potencialidades desse mundo. O conjunto das realizações dessas potencialidades é a arte grega. Os dois mil anos que medeiam entre o desfechar e o desfecho desse projeto de vida são como uma rota cujo começo e fim está. mer-

ganhado na penumbra, e apenas o seu trecho central está iluminado pelo cone da nossa participação como seres herdeiros. A época que vai da origem mítica até o século oito é perdida para nós, porque nela as existências se lançavam contra o mundo manipulando madeira, (hyle), uma materia prima perecível que não deixa traços. A época que vai do segundo século depois de Cristo até a destruição de Roma, (dessa Grécia secundária), pelos germanos, passa-se para nós na sombra do cristianismo. O trecho iluminado pelo cone da nossa participação apresenta-se dividido em tres seções: a arcaica, a clássica e a helenista. Na primeira fase foram nos legadas obras que atestam a luta do espírito humano contra as forças misteriosas e aterrizzadoras da natureza. Na segunda fase fomos presenciados por obras que atestam a luta do espírito humano contra as forças misteriosas e sagradas que regem o homem. Na terceira fase foi criada uma avalanche de obras que atesta, não que essa luta foi vencida, mas que carece de significado. Isto é, a meu ver, a história da arte grega.

O mundo dos gregos tem uma estrutura sui generis, articulada pelo termo "logos". É um mundo orgânico que é informado pela lógica e que pode e deve ser dominado logicamente. A lógica tem duas expressões, duas linguagens, já que ela é um princípio articulador, a saber o verbo. Os gregos chamam de "música" e de "matemática" essas duas linguagens. As obras da arte plástica, que era o tema deste curso, são articulação na linguagem matemática, e mais exatamente naquela matemática que os gregos chamavam de "geometria". A arte plástica grega é a tentativa de dominar geometricamente o mundo, e as obras que os gregos deixaram atestam as vitórias e as derrotas dessa tentativa. A filosofia grega opunha-se sempre a essa tentativa, porque a considerava vã e ímpia. Pascal exprime essa posição, embora fortemente influenciado pelo cristianismo, ao dizer: "Quão vã é a arte que atrai a nossa admiração pela imitação de coisas que não são admiráveis". Neste ponto a filosofia grega se aproxima da cosmovisão judia. Vê na arte a vanidade de todos esforços humanos de querer libertar-se das aljemas da necessidade, do destino. Mas há uma diferença fundamental entre a filosofia grega e a cosmovisão judia: para a filosofia a arte é bela, para a religião judeu-cristã a arte é idolatria, portanto nojenta. É isto que distingue a arte grega da nossa: a grega é soberba como a nossa, mas não é pecaminosa. A arte grega como conjunto de obras surgidas da manipulação da natureza em procura da liberdade é uma articulação, soberba, vã, frustrada, mas bela do espírito humano lógico que diz "não" a situação que o determina. Isto é, a meu ver, a definição da arte grega.

No nosso museu imaginário, (para falarmos com Malraux), os gregos são representados pelas suas obras de arte. É por essas obras que comungamos mais imediatamente com eles. É graças a elas que podemos sorver, ainda hoje, o aroma da sua luta pela dignidade do homem. É como esta luta é ainda a nossa, embora em coordenadas um pouco diferentes, essas obras nos dizem imediatamente respeito. Mas para podermos entrar em dialogo com essas obras, devemos deixar que nos falem. Devemos liberta-las do peso dos nossos preconceitos, preconceitos devidos principalmente ao Renascimento e ao classicismo. O presente curso tinha por meta contribuir um pouco para essa libertação dos preconceitos.